

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

AMANDA LOPES FRANCISCO

**CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA NA LITERATURA INFANTIL:
PROBLEMATIZAÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES NOS LIVROS
INFANTIS**

BRASÍLIA – DF

2019

AMANDA LOPES FRANCISCO

**CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA NA LITERATURA INFANTIL:
PROBLEMATIZAÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES NOS LIVROS INFANTIS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de graduanda em Pedagogia.

Orientadora: profa. Dra. Fátima Lucília Vidal Rodrigues

BRASÍLIA – DF

2019

AMANDA LOPES FRANCISCO

**CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA NA LITERATURA INFANTIL:
PROBLEMATIZAÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES NOS LIVROS INFANTIS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de graduada em Pedagogia.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Paulo Sérgio de Andrade Bareicha
Universidade de Brasília
Professor Avaliador

Prof. Dra. Edelce Aparecida Santos Buzar
Universidade de Brasília
Professora Avaliadora

Prof. Dra. Fátima Lucília Maria Vidal Rodrigues
Universidade de Brasília
Professora orientadora

Brasília, março de 2019

Dedico este trabalho às crianças com deficiência, as
quais têm transformado minha vida como professora.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente devo agradecer a Jeová Deus, que me proporcionou toda a força necessária para a finalização dessa etapa em minha vida, agradeço a Ele pois a Bíblia diz que “...em tudo que fizermos, que façamos todas as coisas para a glória de Deus” (Primeira epístola aos Coríntios, capítulo 10, versículo 31).

Em segundo lugar, agradeço minha mãe, Mônica, e meu pai, Joaquim, os quais são verdadeiros batalhadores e guerreiros e que me ensinaram, com seus exemplos de vida, a ser responsável e a não desistir, mesmo sob adversidade. Agradeço a compreensão de toda a minha família nos meus momentos de ausência.

Agradeço minha irmã, Thalita, que deu toda a ajuda necessária em casa, auxiliando minha mãe nos dias em que eu não podia faltar aulas, cobrindo minhas responsabilidades quando eu não pude estar lá para ajudar. Agradeço também a ela por ter sido uma inspiração para mim, pois, enquanto estudava na faculdade, sempre deu o seu melhor; por isso, segui seu exemplo durante a execução deste trabalho.

Agradeço ao meu irmão, Victor, que mesmo indiretamente também foi fonte de inspiração ao longo do curso, pois sempre foi batalhador naquilo que fez, conseguindo conciliar vida familiar, de estudante e trabalhador.

Agradeço ao meu sobrinho, Arthur, que a todo momento foi tão carinhoso e compreensivo quando eu não podia ou estava cansada demais para brincar com ele. Agradeço pelos momentos de alegria que sempre me proporcionou, e por ter sido meu objeto de observação durante todos esses anos, já que pude acompanhar grande parte da sua infância.

Agradeço a todas as amigas feitas durante o curso, mesmo as que duraram apenas um semestre. Todas as pessoas que por mim passaram ensinaram e deixaram-me algo. Com elas dei sorrisos soltos e bobos, chorei, tive os melhores almoços de todos, fiz loucuras, falei besteiras, dei conselhos e fui ouvida, rolei na grama, admirei o pôr do sol; com elas até cantei em coral! São pessoas que ficarão eternamente em meu coração, porque, independentemente da durabilidade, valeu a pena conhecê-las. Não poderia deixar de destacar algumas dessas pessoas que marcaram a minha graduação: Mikaela, Silvia, Thamara, Tatiana, Biju, Nayany e Leydiane, são pessoas muito diferentes umas

das outras, mas pessoas que me acolheram e foram acolhidas por mim de um modo muito especial.

Sem dúvida, não poderia deixar de agradecer aos meus mestres que foram grandes incentivadores nessa caminhada, que deixaram em mim o valor e a importância de ser educadora. Dentre os que me incentivaram indiretamente, destaco as professoras Fernanda Cavaton, Fátima Lucília Vidal, Cleide Quevedo Quixadá e professora Livia. De forma direta, sou grata à professora Renísia Garcia Filice, a qual foi minha primeira orientadora; agradeço por ter visto e acreditado no meu potencial, isso fez com que eu tivesse muito mais autoconfiança em desenvolver meus projetos. Agradeço à queridíssima professora e orientadora Fátima Lucília Vidal, que me acolheu e me orientou com tanta doçura e paciência e, de uma maneira tão simples, desmistificou meus medos em escrever o meu trabalho de conclusão de curso. Sou grata aos encontros que tivemos e todas as orientações dadas, porquanto foi muito inspirador contar com o seu apoio na conclusão da graduação. Sempre foi pra mim uma pessoa muito inspiradora por ser tão única e de uma sensibilidade incrível.

Com muito carinho, sou grata a uma pessoa a qual se tornou muito especial pra mim, Jean Kleber, com quem meu último semestre foi muito mais leve, cheio de amor, carinho e perspectivas, ajudando e não deixando-me desistir nos momentos mais críticos desse semestre.

A todos que mencionei e outros tantos que fizeram parte desse processo através de seus exemplos de perseverança; aos que estiveram ligados à minha história acadêmica e que, de alguma forma, foram como luzes pra mim: meu eterno e sincero agradecimento.

*A literatura, como toda a arte, é uma confissão de
que a vida não basta.*

Fernando Pessoa

RESUMO

Este ensaio teve como objetivo identificar e discutir algumas representações das crianças com deficiência existentes nos livros de literatura infantil. As pessoas com deficiência, mesmo nos dias de hoje, são bombardeadas com imagens negativas acerca das deficiências, as quais colaboram para a construção do estigma e preconceito perpetuados ao longo dos séculos; sofreram - e sofrem - inúmeras atrocidades ao longo da história, sendo vítimas de um conceito de “normalidade” criado historicamente. Sabendo que o texto literário possui um papel formativo considerável, é de suma importância que a literatura infantil seja livre de qualquer tipo de estereótipo. Ao mesmo tempo em que é preciso educar para a diversidade e para as diferenças, é necessário que haja obras substanciais capazes de fornecer às crianças a representatividade das pessoas com deficiência, tornando-as capazes de produzir uma autoimagem positiva de si mesmas. O presente ensaio avaliou dez obras de fácil acesso e apresentou algumas categorias de acordo com o tipo de representações apresentadas. Não se pode subestimar o poder que a literatura infantil tem, e é por isso que ela deve ser constantemente avaliada e estudada, como foi a proposta desse ensaio.

Palavras-chave: Literatura Infantil; Criança com deficiência; Normalidade, Representação.

SUMÁRIO

1 MEMORIAL	10
2 ENSAIO	16
2.1 INTRODUÇÃO	16
2.2 LITERATURA: HISTÓRIA E CONCEITO	16
2.3 NORMALIDADE E DEFICIÊNCIA	18
2.4 A INFÂNCIA COM DEFICIÊNCIA NOS LIVROS DE LITERATURA INFANTIL	22
2.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
3 PERSPECTIVAS FUTURAS	32
REFERÊNCIAS.....	33

APRESENTAÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso visa apresentar o grau de aproveitamento que se obteve nas disciplinas de graduação e, ao mesmo tempo, expandir os conhecimentos por meio de um ensaio. Encontra-se organizado em três partes: memorial, ensaio e perspectivas futuras.

No memorial, é feito um breve relato da vida acadêmica e pessoal. Informações significativas são destacadas através de uma retrospectiva que culmina em uma reflexão acerca dos acontecimentos atuais.

O ensaio abarca três subtítulos. No primeiro, um pouco da história da literatura e da leitura é explanada, bem como é abordado o conceito de literatura; no segundo, os conceitos de normalidade e deficiência são problematizados. Ainda no segundo subtítulo, será abordada a questão da inclusão versus a deficiência. No terceiro, as representações das crianças com deficiência em livros de literatura encontrados nas livrarias, sites e escolas da cidade serão discutidos. Por fim, serão apresentadas algumas considerações que servirão de reflexão para a temática e para o trabalho docente.

A terceira parte do Trabalho de Conclusão de Curso refere-se às perspectivas futuras, ou seja, quais os planos para meu futuro como educadora.

1 MEMORIAL

Meu nome é Amanda. Nascida em 1992, em Brasília, fui uma filha planejada e sou muito amada por minha família. Cresci em Ceilândia Norte; entretanto, meu pai, Joaquim, é oriundo de Picos, no Piauí, e minha mãe, Mônica, é mineira da cidade de Patos de Minas. Sou a caçula de três filhos.

À medida em que crescia, via meus irmãos, que eram mais velhos que eu, indo para escola, e eu ansiava muito por viver isso também. Por esse motivo, com aproximadamente cinco anos minha mãe me colocou no jardim de infância.

Aos sete anos, fui matriculada no pré-escolar. Trago muitas recordações de momentos bons e de outros não tão agradáveis, infelizmente. Lembro com carinho da minha primeira professora, Alessandra. Fiz muitas amizades e cresci com a companhia de muitos colegas. Nesse mesmo ano, tive um professor de educação física cujo trabalho deixou marcas em mim. Apesar de ser excelente ter aulas de educação física na pré-escola, a didática do educador não contribuiu muito com meu desenvolvimento; suas aulas eram baseadas na competição, havendo sempre um vencedor, considerado o melhor, e, conseqüentemente, os perdedores. Seus métodos me deixaram frustrada e eu não consegui ter a mesma desenvoltura que meus colegas, visto que eu era uma criança muito tímida. Passei a me esconder no banheiro ou na biblioteca para não ter que lidar com a insatisfação. Durante inúmeros anos acreditei que não era boa em atividades corporais; para compensar o desaponto, no fim do ano tive a felicidade de participar da formatura simbólica da pré-escola. Foi um evento muito especial para mim na época.

Tão marcante quanto a formatura foi a minha primeira série, fase na qual aprendi a ler e desenvolvi o gosto pela leitura com a “tia” Valquíria. O primeiro livro que li foi “O bicho na maçã”, de Ziraldo, e hoje tenho conhecimento de que fui alfabetizada através do método “Abelhinha”. A partir daí, não parei mais: leitura era uma das atividades de que eu mais gostava! Vivía pegando livros emprestados na biblioteca e levando-os para ler em casa, exibindo os meus progressos aos familiares

Durante a terceira série, um acontecimento de que me recordo diz respeito à reação dos pais dos meus colegas, em sua maioria conservadores, quanto a uma atividade da aula de Ciências Naturais passada por nosso professor. Tivemos, durante algum tempo, um

docente do sexo masculino, algo que não é comum de se ver no ensino fundamental. Suas aulas eram maravilhosas! Um dia, a atividade do conteúdo “corpo humano” solicitada por ele pedia-nos para pintar desenhos dos órgãos sexuais do sexo oposto ao nosso, ou seja: meninas pintariam o órgão masculino e meninos pintariam o órgão sexual feminino, de forma que nós pudéssemos conhecer, de maneira puramente científica, qual era a anatomia do aparelho reprodutor do corpo humano. A reação dos pais de comportamento anacrônico foi um protesto pelo afastamento e substituição do professor. Infelizmente, a manifestação obteve êxito, e o professor foi substituído por uma docente religiosa, a qual passou a trabalhar ensino religioso conosco. Isso me incomodou demasiadamente, visto que o trabalho que estava sendo realizado anteriormente não era imoral; era apenas ciência.

As ocorrências de que me lembro na minha quarta série remetem a uma grande professora, cujo nome é Carla, que já sofria com os desgastes da profissão em razão da descoberta de calos nas cordas vocais. Em consequência do adoecimento, ficou afastada por muito tempo. Já nesse período eu era uma exímia leitora, conforme me recordo.

Todo o meu Ensino Fundamental I foi cursado na Escola Classe 33 de Ceilândia. Concluída a etapa, fui matriculada no Centro de Ensino Fundamental 15 da mesma cidade. Tive magníficos professores na quinta série, tanto é que eu me recordo de todos eles. Esse fato deve-se, talvez, ao impacto causado pelo número de professores que eu teria a partir dali. Tal conjuntura, porém, não abalou meu desempenho e eu tive um ano tranquilo.

No CED 15, os(as) alunos(as) que apresentavam notas acima da média e que desenvolviam qualidades valorizadas no contexto escolar recebiam certificados de “aluno(a) destaque”. Lembro-me de que fiquei muito feliz ao receber um deles, algo que me estimulou a continuar evoluindo. Hoje, porém, considero delicado o ato de dar uma premiação ou estímulo semelhante, dado que, ao mesmo tempo em que ele pode contribuir com o progresso do(a) discente, pode também gerar sentimento de inferioridade naqueles que não o recebem.

Na sexta série, tive também professores admiráveis, os quais deixaram boas marcas em mim. Eram muito sensíveis, possuíam boa formação e eram multidisciplinares, indo muito além das aulas convencionais em sala. Participei de muitos

passeios culturais, jornadas que proporcionaram conhecimentos diversos, algo que, sem dúvidas, fizeram diferença em minha vida.

Tive, na sétima série, uma notável professora de português, a qual trabalhava com músicas e filmes, algo que despertou minha atenção: aulas podem, pois, ser mais interessantes quando se utilizam elementos além dos tradicionais quadro e giz! Nesse mesmo ano fui reconhecida por ter escrito a melhor redação da escola, na qual devíamos produzir um texto em primeira pessoa como sendo um animal em risco de extinção. Foi uma vivência gratificante.

O que mais me chamava atenção durante a oitava série era o prazer que meus professores mostravam ao exercer seus trabalhos. Era nítido o contentamento com o que faziam, suas aulas eram bem preparadas e cheias de afeto. Fui diretamente influenciada e impactada por esse fascínio que apresentavam, o que me levou a ser uma das alunas destaque da escola novamente. Embora a premiação me incomodasse, considerando que eu pensava naqueles que não eram reconhecidos por suas potencialidades, os premiados eram sempre destacados pelas constantes qualidades: boa nota e “bom comportamento”. Eu sabia, entretanto, que um bom aluno vai muito além dessas características, e isso eu via em muitos(as) dos(as) meus(minhas) colegas. Infelizmente, as mesmas características não eram vistas pelos professores.

2009 foi um ano de mudanças. Saí do ensino fundamental e do CED 15, indo estudar no Centro de Ensino Médio 09 de Ceilândia. Foi muito significativa a diferença existente no currículo, todos nós sentimos o peso de possuir mais disciplinas. Eu me identificava muito mais com as matérias da área de humanas do que com as de exatas e, apesar de as poucas aulas de Sociologia e Filosofia que frequentei terem sido muito produtivas, lamentavelmente meu rendimento geral foi abaixo do esperado. A escola ofereceu, após algum tempo, turmas na Educação de Jovens e Adultos (EJA) no período noturno. Eu cri, de maneira ingênua, que fazer o EJA seria o melhor para mim; estava completamente enganada, entretanto. Não obstante, vivenciei uma nova realidade escolar, tendo a oportunidade de conviver com colegas com quase 80 anos de idade, trabalhadores, dentre outros, algo que foi incrível. Aprendi muito com as experiências deles, porém apreendi pouco conteúdo formal na escola, dado que o ano letivo no EJA é reduzido em um semestre.

No segundo ano do ensino médio, passei a demonstrar interesse pela área de Biblioteconomia, o que se deve ao fato de eu estar habituada aos espaços das bibliotecas e possuir gosto pela leitura. Essas características foram notadas por um professor, o qual me incentivou a voltar para o ensino regular na mesma escola para poder estudar para o vestibular. Procurei conhecer melhor a UnB e o curso que pretendia fazer, mas percebi que Biblioteconomia era muito mais técnico do que eu poderia imaginar; eu me interessava muito mais pelo lado humanizado. Não perdi o interesse pela UnB, antes o contrário. Pesquisei sobre diversos cursos e, em determinado momento, surgiu em mim o desejo de fazer Serviço Social. Todavia, estava hesitosa no momento da inscrição e optei por fazer Pedagogia, curso cujo score para passar é mais baixo. A intenção era entrar na Universidade e migrar de curso assim que fosse possível. Assim fiz! Passei de aluna de ensino médio a aluna de nível superior em questão de dias, algo muito inesperado, apesar de desejado. Era um sonho que se tornava realidade.

Agora eu vivia uma nova realidade. Tive minha primeira aula no Instituto Central de Ciências - ICC, e a disciplina era Antropologia da Educação. Logo fiquei encantada e a matéria tornou-se minha preferida no primeiro semestre. Pude ver claramente que a educação poderia oferecer-me mais do que eu poderia idealizar. Já até me imaginava produzindo o Trabalho de Conclusão de Curso na área de antropologia!

Minha ânsia por conhecimento levou-me a explorar a UnB para além da Faculdade de Educação - FE. Cursei, a partir do segundo semestre, disciplinas de outros cursos, tais como Introdução à Psicologia, História da Imprensa e Multiculturalismo e Budismo na Contemporaneidade.

A experiência se repetiu no terceiro semestre, e a paixão que desenvolvi pela antropologia levou-me a cursar a disciplina introdutória da área, a qual pertencia ao Departamento de Antropologia - DAN. Foi a partir do terceiro semestre que a minha pretensão em mudar de curso desapareceu, pois foi quando cursei uma disciplina que me marcou: “O educando com necessidades especiais”, ofertada pela professora Fátima Lucília Vidal. Foi com ela que comecei a desenvolver uma qualidade que todo professor deve ter: alteridade. Através da experiência dela eu desenvolvi empatia e passei a procurar maneiras de colaborar com o desenvolvimento de crianças com necessidades especiais, e não apenas isso: percebi que eu poderia me abrir para também aprender com elas.

Tive, infelizmente, o quarto semestre marcado por uma memória desagradável, a qual deixou marcas físicas e emocionais em minha vida. Eu já havia me matriculado em algumas disciplinas e seguia minha vida normalmente até ter sido acometida por uma doença que veio logo após um final de semana maravilhoso em Pirenópolis. Amanheci com metade do meu rosto paralisado por uma enfermidade que afeta muitas pessoas, a Paralisia do Nervo Facial ou “Paralisia de Bell”. Foi um período difícil que abalou diretamente minha autoestima, pois meu rosto apresentava-se torto, flácido de um lado e sem expressão ou movimento algum do outro. Decidi trancar o semestre para poder me recuperar física e emocionalmente. Aos poucos, meu rosto voltou ao normal e eu me recuperei do choque, preparando-me para voltar a estudar no semestre seguinte.

Assim que retornei, fiz outra disciplina com a temática “aprendizagem e desenvolvimento da pessoa com necessidade educacional especial”, matéria que enriqueceu ainda mais minha formação. Compreendi como podemos e devemos estimular o máximo possível as crianças, evitando limitá-las em suas especificidades.

As matérias que fiz no sexto semestre mexeram muito comigo. “Políticas Públicas”, “Administração das Organizações Educativas” e, em especial, “Ensino de História, Identidade e Cidadania”, foram disciplinas que exercitaram meu senso crítico, possibilitando minha reflexão acerca de temas como gênero, raça, etnia e outros assuntos que permeiam a educação e que são temas essenciais para se discutir hodiernamente. A professora Renísia, a quem conheci nesse semestre, foi peça fundamental em meu progresso por disponibilizar-se a orientar-me dentro da temática de gênero e questões raciais.

Com o passar do tempo, me interessei muito em saber como as pessoas negras eram representados na mídia e qual era o impacto gerado na autoimagem deles, bem como na dos não negros. Era importante para mim compreender como eles projetavam essas imagens que reforçam o preconceito e a discriminação racial. Essa temática me interessava porque fiquei incomodada com dados de pesquisas confiáveis que mostravam a disparidade entre os papéis exercidos por brancos e negros, uma realidade cruel vivenciada em todo país, o qual foi escravocrata por mais de quatrocentos anos e que permanece apresentando fortes nuances desse passado preconceituoso, racista e genocida com os não brancos. Nesse meio tempo, todos os projetos que realizei estavam dentro da temática racial.

No sétimo semestre cursei a disciplina “Escarlarização de Surdos e LIBRAS” com a estimada professora Edeilce, a qual fez um esplêndido apanhado acerca da cultura surda e me deu uma noção básica de LIBRAS, dissipando vários pré-conceitos meus sobre os surdos e suas comunidades. Continuei nesse ínterim fazendo algumas disciplinas de outros departamentos, já que isso me ajudava a deixar meu currículo bem mais plural e mais amplo.

No meu trajeto do dia a dia, passei a notar a presença de mulheres ciganas que faziam a leitura de mãos, ato que despertou meu interesse pela sua cultura. Passei a pesquisar, ler artigos, assistir a documentários, e presumi que seria proveitoso falar sobre suas vivências dentro da Faculdade de Educação. Na disciplina de Seminário Final de Curso eu iniciei o desenvolvimento desse projeto de TCC, sendo orientada pelo professor Erlando Rêses. Por infelicidade, a elaboração de tal trabalho demandaria muito mais pesquisa de campo do que eu dispunha de tempo para realizá-la, considerando que eu já passara por todas as etapas de estágio anteriormente.

Buscando por um tema para meu TCC, recordei-me dos pontos altos da graduação, lembrando de tudo que me chamou a atenção com o passar dos anos. As memórias relativas às disciplinas relacionadas às pessoas com necessidades especiais surgiram trazendo também o nome da professora Fátima Lucília Vidal, a qual aceitou com todo carinho acolher e orientar meu projeto final. Juntas, delimitamos o tema: como se dá a representação das crianças com deficiência nos livros de literatura infantil. É um tema atual e de discussão necessária; escrever sobre isso seria encerrar minha graduação com louvor.

2 ENSAIO

2.1 INTRODUÇÃO

Já há algum tempo que questões acerca da inclusão e integração da Pessoa com Deficiência (doravante PcD) estão sendo debatidas. Têm sido uma maneira de discutir os atuais valores da sociedade, bem como de promover a visibilidade da população com deficiência, a qual passa por muitos percalços para ter acesso aos direitos básicos a todo ser humano. A discriminação aos PcDs consegue ser ainda mais cruel com as crianças, as quais estão no início dos processos de aprendizagem e convivência em coletividade e tão cedo precisam passar pelos impactos do preconceito e do estigma social.

Pensando nas crianças com deficiência (mas não somente), este ensaio propõe-se a discorrer: como as crianças com deficiência são representadas em livros de literatura infantil? Contudo, para obter a resposta, faz-se necessário dispor do acesso a livros de literatura infantil, os quais serão objeto de estudo. É preciso, antes de iniciar a investigação, delimitar o que é “literatura infantil”, além de compreender de que maneira foram construídos historicamente os conceitos de normalidade e inclusão.

2.2 LITERATURA: HISTÓRIA E CONCEITO

O homem, em sua existência, desenvolveu as mais variadas linguagens. A escrita foi uma maneira que ele encontrou para registrar tudo, suas histórias e tradições orais. A literatura é algo difícil de se conceituar pelas suas dimensões e transições, mas que pode ser entendida como manifestação artística, expressão da realidade. (FLECK, 2007, p.23)

Da idade Antiga à Idade média, a literatura era majoritariamente voltada para o público adulto, dado que, naquele momento cultural, não havia o reconhecimento da infância. As crianças eram consideradas “mini adultos” (ZILBERMAN, 2003 p. 15).

Entretanto, essa realidade começou a mudar com a ascensão das famílias à classe burguesa, momento no qual as relações familiares e sociais mudaram, acarretando estreitamento na relação entre pais e filhos. Regina Zilberman (2003, p. 15) afirma que,

com esse novo modelo familiar, reforçou-se não apenas a união entre os membros da família, mas também o controle sobre elas no que diz respeito aos aspectos intelectuais e emocionais dos infantes.

Os primeiros textos ou publicações direcionadas ao público infantil surgiram na primeira metade do século XVIII, quando se iniciou o processo de industrialização (LAJOLO e ZILBERMAN, 2010, p. 16), e é nesse mesmo período que a criança passa a exercer protagonismo na sociedade burguesa. Surgem profissões voltadas para o atendimento especializado delas, tais como a psicologia infantil, pediatria, pedagogia, entre outros (LAJOLO e ZILBERMAN, 2010).

A escola surge no mesmo período. Segundo GIOLLO (2012, p. 14), literatura e escola uniram-se para tornar as crianças hábeis no consumo e leitura de obras impressas. A literatura passa a ser uma intermediária entre criança e sociedade de consumo, sendo coadjuvante na “promoção e estímulo da circulação de livros”.

No Brasil, a literatura infantil começou a aflorar no século XIX por meio de Monteiro Lobato, o qual, anos depois, veio a se tornar um ícone da própria literatura brasileira. Segundo Zilberman,

O papel exercido por Monteiro Lobato no quadro da literatura infantil nacional tem sido seguidamente reiterado, e com justiça. É com este autor que se rompe (ou melhor, começa a ser rompido) o círculo da dependência aos padrões literários provindos da Europa, principalmente no que diz respeito ao aproveitamento da tradição folclórica. Valorizando a ambientação local predominante na época, ou seja, a pequena propriedade rural, constrói Monteiro Lobato uma realidade ficcional, o que ocorre pela invenção do Sítio do Pica Pau Amarelo. (ZILBERMAN, 1981, p. 48)

Monteiro Lobato popularizou os livros de literatura infantil no Brasil. Para melhor entender o que isso significa, é preciso definir o que seria literatura infantil: é um conjunto de publicações no qual o conteúdo tem formas recreativas, didáticas ou ambas, as quais são destinadas ao público infantil. (ARROYO, 1990)

Hoje, essa literatura possui inúmeras funções. É digno de nota o destaque de algumas, tais como a promoção do hábito de leitura, a formação cidadã da criança e a assimilação dos valores da sociedade, finalidades essas que CALDIN (2003, p. 51) aponta como importantes para que a criança perceba, através da apresentação de problemas sociais, políticos e econômicos, qual é a realidade que a cerca

Para Coelho, as funções vão além:

A literatura, em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola”. (COELHO 2000, p.15)

Esse enunciado mostra-se ainda mais importante quando nota-se que há crianças que só têm acesso a determinados conteúdos em sala de aula, o que pode ocorrer por carência financeira e/ou cultural. Faz-se necessário que os educadores propiciem os estímulos à leitura no ambiente escolar de maneira crítica, analisando os tipos de livros infantis a que as crianças têm acesso dentro ou fora de sala.

2.3 NORMALIDADE E DEFICIÊNCIA

Em 2011, segundo a OMS, o Brasil possuía cerca de um bilhão de pessoas vivendo com alguma deficiência. São dados antigos, mas que sugerem a invisibilidade histórica a que as PcDs estão sujeitas. Em uma de suas publicações, a UNICEF reproduz dados que evidenciam a situação mundial da criança no ano de 2013:

Elas correm maior risco de ser pobres do que seus pares que não têm deficiência... Em muitos países, as respostas à situação de crianças com deficiência são amplamente limitadas a institucionalização, abandono ou negligência. Crianças com deficiência encontram diferentes formas de exclusão e são afetadas por elas em níveis diversos, dependendo de fatores como o tipo de deficiência, o local onde moram e a cultura ou a classe social a que pertencem. Crianças com deficiência são frequentemente consideradas inferiores, o que as expõe a maior vulnerabilidade” (UNICEF, 2013, p. 1)

Pessoas com deficiência lutam, desde há muito tempo, por visibilidade. Sofrem os mais diversos tipos de injustiças, passam por rejeição, são considerados “amaldiçoadas” pela “ira divina”; foram, ainda, vítimas de testes “científicos” desumanos durante o regime nazista. Tudo por não serem considerados “normais”.

Acontece, no entanto, que o conceito de “normalidade” é bastante questionável. O filósofo francês Michel Foucault, por exemplo, denunciou em diversos dos seus livros as condições a que os chamados “loucos” ou “anormais” eram expostos ao longo dos séculos. Em 1961, Foucault relata que, no século XVII, foram criadas várias casas de

internação onde, durante um século e meio, os ditos “loucos” “foram postos sob o regime desse internamento” (FOUCAULT, 1961, p. 55).

O filósofo enumera uma série de razões para a criação do chamado “Hospital Geral” na França do século XVII. A mudança do sistema feudal para o capitalista, a lógica de trabalho e lucro e a urbanização da cidade são alguns dos motivos. Este hospital, porém, não era um estabelecimento médico, conforme poder-se-ia pensar nos dias de hoje; era, originalmente e conforme compreende-se a partir da etimologia da palavra “hospital” (derivada do latim *hospitale*), uma espécie de casa de passagem, de hospitalidade para com o próximo.

Nessa casa de passagem, como forma de garantir a “instância de ordem, da ordem monárquica e burguesa que se organizava na França” (idem, *ibidem*, p.57), estavam confinados os pedintes, idosos, crianças, homossexuais, os sem religião, enfermos e loucos. O Hospital Geral era, além de local de acolhimento de “doentes”, espaço de repressão a partir da detenção. Foi justamente essa última característica que Foucault usou para diferenciar o tratamento dado aos leprosos da Idade Média daquele que era dado às pessoas durante o período do Classicismo. Naquele período, a internação era por razões médicas; neste, havia o que ele chamava de “aprisionamento”, no qual não havia outras motivações senão as “políticas, sociais, religiosas, econômicas, morais” (idem, *ibidem*, p. 61).

Foucault ressalta ainda os diferentes focos que os hospitais gerais tiveram no intervalo de suas existências: em um primeiro momento, buscavam a beneficência ao ajudar os doentes, miseráveis e desabrigados; no segundo, tinham objetivos mais voltados para questões sócio-políticas; a partir do terceiro, foram tomando a configuração médica da atualidade, baseada no real tratamento do indivíduo.

Além das internações já citadas, os sujeitos foram sendo submetidos a outras formas de controle estabelecidas no decorrer dos anos, as quais, sem dúvida, também influenciaram a maneira como são vistos os sujeitos com deficiência ou mesmo aqueles que possuem ritmos e características díspares do que é pré-estabelecido como normal. Em “Vigiar e Punir”, de 1975, Foucault chama essa outra forma de controle de “docilização dos corpos”, a qual ocorreu de modo mais acelerado durante a época clássica, quando passou-se a perceber o corpo como “objeto e alvo de poder” (idem,

ibidem, p.163). Essa percepção gerou submissão e obediência, além de impor a ideia de corpos competentes para determinados fins. Para conseguir determinados objetivos, era necessário que se usasse a disciplina:

...nos séculos XVII e XVIII, as disciplinas tornaram-se fórmulas gerais de domínio. São diferentes da escravidão, uma vez que se baseiam numa relação de apropriação dos corpos, faz parte da elegância da disciplina dispensar essa relação dispendiosa e violenta, obtendo os mesmos efeitos de utilidade” (idem, ibidem, p. 165)

Tal domínio dos corpos baseado na disciplina foi encontrado, conforme diz Foucault,

...desde muito cedo, em funcionamento nos colégios; mais tarde, nas escolas primárias; investiram lentamente o espaço escolar; e em poucas dezenas de anos reestruturaram a organização militar”. (idem, ibidem, p.165)

Essa disciplina envolvia distribuir da melhor maneira os sujeitos no espaço, de modo que, mesmo juntos, eles estejam separados. Essa formação seria fundamental para poder, “a cada instante, vigiar o comportamento de cada indivíduo, de o apreciar, sancionar, avaliar as suas qualidades ou méritos” (idem, ibidem, p.169). Foi se utilizando da disciplina e da ordem que as escolas passaram a adotar elementos que individualizavam cada vez mais os alunos e otimizavam o tempo e o trabalho do mestre:

...após 1762, o espaço escolar desdobra-se, a classe torna-se homogênea, passa a ser composta apenas de elementos individuais que se dispõem uns ao lado dos outros sob o olhar do mestre. O nível, no século XVIII, começa a definir a grande forma de repartição dos indivíduos na ordem escolar: fileiras de alunos na aula, nos corredores, nos pátios, semana, de mês a mês, de ano a ano, hierarquização das classes etárias, sucessão das matérias ensinadas, das questões tratadas segundo uma ordem de dificuldade crescente. E nesta série de alinhamentos obrigatórios, cada aluno, segundo a sua idade, o seu desempenho, o seu comportamento, ocupa um nível; desloca-se incessantemente nesta série de compartimentos – uns ideais marcam uma hierarquia do saber ou das capacidades, os outros devem traduzir materialmente no espaço da classe ou do colégio, essa repartição de valores ou dos méritos. (Foucault, 1975, p.173)

Concomitantemente ao estabelecimento da disciplina e da ordem, estabeleceu-se o controle do tempo. Fazia-se necessário estabelecer ritmos, tornar obrigatórios determinados serviços e regular ciclos de repetição, ações que surgiram cedo nas

instituições educacionais. Esse controle do tempo afetou também o mundo adulto através da reprovação do “desperdiçar tempo”, o qual é “contado por Deus e pago pelos homens” (idem, ibidem, p.179).

Estando a rapidez e eficiência enaltecidos ao máximo, as relações de controle e manipulação das pessoas dentro da sociedade estavam sendo constituídas baseando-se na produção e no lucro. É razoável questionar como as PcDs estavam sendo percebidas nessa sociedade, se o estavam; possivelmente, eram associadas a problemas, isso quando eram notadas.

As mudanças de pensamento que ocorreram com o passar dos séculos fizeram aflorar as discussões sobre inclusão, as quais estão sendo cada vez mais expandidas. Muitos foram os avanços e as conquistas em prol da visibilidade das pessoas com deficiência; não obstante, ainda há muito o que fazer para que elas tenham a vida plena a que têm direito, pois mesmo na atualidade muitas enfrentam crueldade na maneira em que são vistas e tratadas. O corpo com deficiência é visualizado como limitado não somente pelas condições físicas, mas também porque

Os impedimentos são significados como desvantagens naturais por ambientes sociais restritivos à participação plena, o que historicamente traduziu os impedimentos corporais como azar ou tragédia pessoal (BARNES *et al*, 2002 p.6 apud DINIZ, SANTOS e BARBOSA, 2009, p.66)

Às mudanças atuais agrega-se o fato de que, como menciona Foucault (apud DINIZ *et al*, 2009, p. 66), o corpo com deficiência passou por uma redenção através do discurso biomédico, o qual, no século XIX, invalidou a narrativa religiosa que tratava a existência da PcD como um castigo da ira divina. Hodiernamente, “é a autoridade biomédica que se vê contestada pelo modelo social da deficiência”.

Ao não se atribuir mais a existência da deficiência a uma ordem mística (como castigo divino, por exemplo), o olhar médico passa a obter mais relevância na conquista de direitos pelas PcDs. Foi um desafio suplantado baseado em questões científicas: os médicos passaram a indicar outras causas para as deficiências, as quais estão relacionadas ao envelhecimento, à embriologia, aos acidentes, doenças degenerativas e outras. Socialmente, um corpo com deficiência existe porque é contrastado com o corpo visto

como “normal”; é, ainda, a visão médica que dita o que é normalidade. DINIZ (2007) diz que

O desafio, agora, está em recusar a descrição de um corpo com impedimentos como anormal. A anormalidade é um julgamento estético e, portanto, um valor moral sobre os estilos de vida, não o resultado de um catálogo universal e absoluto sobre os corpos com impedimentos (DINIZ, 2007, p. 23 apud DINIZ, SANTOS e BARBOSA, 2009, p. 68)

Por quase 30 anos, a OMS adotou o modelo biomédico de deficiência, no qual predominavam tratamentos e curas para os impedimentos corporais (FARIAS; BUCHALLA, 2005 p.192 apud DINIZ, SANTOS e BARBOSA, 2009 p.71). Esse modelo afetou diretamente a maneira através da qual as PcDs são enxergadas. As mídias exercem também grande impacto na representação dos sujeitos com deficiência, visto que os meios de comunicação claramente atuam na formação de conhecimentos e crenças da população; da mesma maneira que podem educar para a diversidade, têm o poder de reforçar estigmas, preconceitos e más representações sociais, sendo esse um dos desafios para a mudança na visão da sociedade acerca da PcD.

Abordar todos esses aspectos fez-se necessário para que se compreenda como é representada a pessoa com deficiência e, mais especificamente, qual é o papel exercido pela criança nesse espaço. Uma infância com deficiência pode levar à existência de pensamentos limitadores e à ideia de que é impossível vivenciar a infância em sua plenitude. Felizmente, as palavras “infância” e deficiência” podem e devem andar juntas, sendo os únicos impedimentos a falta de oportunidade, a ignorância e o preconceito.

2.4 A INFÂNCIA COM DEFICIÊNCIA NOS LIVROS DE LITERATURA INFANTIL

As pessoas com deficiência, assim como outros grupos autoidentificados como minoritários (como mulheres e negros, por exemplo) têm que lidar constantemente com imagens negativas recebidas de variadas fontes. E eles não são os únicos afetados, já que as pessoas que não tem deficiência também recebem essas imagens e as internalizam, reforçando preconceitos e rótulos inadequados. Essas representações não atingem apenas os adultos, mas também as crianças, tenham elas deficiência ou não. Noro acredita que um “dos caminhos possíveis e necessários é cuidar das informações que chegam as

crianças a respeito da deficiência pelos produtos culturais” (NORO, 2006, p.36). A literatura infantil é um produto cultural, e, como tal, atinge diretamente a formação das crianças. Por essa razão, merece um olhar mais atento dos que a utilizam, sejam familiares ou educadores.

Desde o surgimento da literatura infantil, seja nos contos clássicos ou nos livros infantis contemporâneos, há uma presença constante das PcDs, mas isso não quer dizer que houve representatividade, ao contrário:

Conforme a maior parte dos críticos literários do final do século XX e início do século XXI, que discutem os primeiros livros infantis, personagens deficientes retratados em obras publicadas antes da Primeira Guerra Mundial geralmente são construídos a partir de estereótipos bidimensionais. Por vezes, aparecem como vilões, especialmente em livros com endereçamento predominante para adultos, mas também em algumas histórias fantásticas, como o Capitão Gancho de Peter Pan (originalmente Peter and Wendy, 1911), escrita por J. M. Barrie. (DOWKER, 2013, p. 1054)

D’Antino afirma que “há de remover a terra e procurar, na raiz do que foi plantado, a origem do medo, que acompanha todos nós mortais, frente da presença (real ou imaginária) da pessoa com deficiência” (D’ANTINO, 2001 p.189). O imaginário produzido nos livros de literatura infantil deve ser referência, e não perpetuador de preconceitos. Segundo Werneck (1997, p. 139-146), minimizar o preconceito requer um trabalho de prevenção, o qual deve ocorrer ainda na infância para evitar não apenas a “falta de informação”, mas também a “falta de formação”, processo este que é, segundo a autora, “silencioso, lento, progressivo e cumulativo de noções inadequadas sobre temas-tabu como a deficiência”.

A falta de formação indicada por Werneck preconiza a atuação do adulto, sem o qual a criança irá, graças à sua curiosidade natural e sem os meios de obter respostas adequadas para suas dúvidas, apelar para a captação de “informações truncadas e estereotipadas dali e daqui, incluindo as da mídia” (WERNEK, 1997 p. 139-146). Por isso faz-se necessário representar corretamente as PcDs; no caso da literatura infantil, os livros devem colaborar com a visibilidade e representatividade dos sujeitos com deficiência sem apelar para imagens estereotipadas e desrespeitosas.

No Brasil, o tema da deficiência tem sido bastante explorado em produções de literatura infantil. Apesar de algumas falhas, esse sinal é bastante positivo para a visibilidade das crianças com deficiência. Figueira diz que

Acreditar em uma literatura em prol da pessoa com deficiência, é o mesmo que acreditar e defender uma literatura que transforme. Principalmente na literatura infanto-juvenil, a qual possa ajudar as crianças a entenderem a complexidade e a diversidade humana”. E deve-se pensá-la como “uma arma poderosíssima...no combate a qualquer forma de discriminação. (FIGUEIRA, 2000, p.49)

De acordo com estudos internacionais citados por Figueira (2000, p.46), ao buscar uma literatura que seja aliada à educação para a igualdade, faz-se necessário criar ou optar por livros que tenham personagem com características semelhantes às do quadro abaixo, o qual foi construído a partir das recomendações do que é apropriado ou não:

TABELA 1 - RECOMENDAÇÕES NA ELABORAÇÃO DE PERSONAGENS COM DEFICIÊNCIA

Aspectos a serem avaliados	Inadequado	Adequado
Sentimento despertado	Provoca piedade;	Provoca empatia;
Representação da maneira de alcançar objetivos	Dependente de forças sobrenaturais;	Potente por si mesma;
Caracterização	Leva ao ridículo, enfatiza as diferenças e apresenta descrições médicas, as quais são, geralmente, pouco motivadoras.	Leva à admiração e aceitação, sendo um retrato exato dos comportamentos associados à deficiência em questão por ser uma caracterização realista.

Fonte: FIGUEIRA, 2000, p. 46.

As ilustrações contidas nos livros de literatura infantil são parte essencial em sua elaboração. Além de funcionar como articuladoras no texto, (MOBRICE, 1990, p. 45) assevera que as imagens estimulam a imaginação infantil possibilitam que a própria criança crie suas histórias através do “uso do verbo”, da oralização das suas percepções do mundo. Esta é uma afirmação que corrobora com a necessidade da adequada elaboração do conteúdo imagético nos livros infantis.

Além disso, as ilustrações permitem que as crianças, mais especificamente as crianças com deficiência, vejam-se representadas nas ilustrações e, dessa forma,

desenvolvam uma autoimagem positiva de si mesmas; e para as crianças que não são, oportuniza que tenham acesso desde cedo a uma formação voltada para o respeito às diferenças. Abramovich aponta que

a literatura infantil proporciona a descoberta de um mundo de conflitos e impasses, mas também de “soluções através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história (cada uma a seu modo) ... É a cada vez ir se identificando com outra personagem (cada qual no momento que corresponde àquele que está sendo vivido pela criança). (ABRAMOVICH, 1995, p. 17 apud BASSO, 2001)

Muitos livros contemporâneos, alguns de fácil acesso tanto em livrarias físicas quanto virtuais, têm apresentado de diversas maneiras a temática da deficiência. Abaixo, alguns exemplares serão apresentados.

FIGURA 1 - “JÚLIA E SEUS AMIGOS”



Disponível em: <<https://www.americanas.com.br/produto/116658040/livro-julia-e-seus-amigos>>. Acesso em agosto de 2019

Júlia, uma criança muito ativa, tem oito anos e é cadeirante. Estudou a vida inteira em escolas especiais para deficientes, mas um desafio muito grande surgirá em sua vida: ela passará a estudar em uma escola comum! Muitos questionamentos surgem em sua cabecinha: haverá rampas na escola nova? A professora é legal? As outras crianças irão compreendê-la? O livro de Lia Crespo mostra a necessidade de tornar a escola um lugar de convivência em que as diferenças sejam respeitadas por pais, alunos e educadores e, através disso, eliminar a segregação.

FIGURA 2 - A CENTOPÉIA PERNETA

Disponível em: <<https://www.sinopsyseditora.com.br/livros/a-centopeia-perneta-ou-a-incrivel-historia-da-cinquentopeia-366>>. Acesso em agosto de 2019

Um bebê centopeia nasce sem um lado das perninhas. Com muita sensibilidade, o psiquiatra infantil Bruno Mendonça Coelho conta a história das superações da pequena centopeia conforme ela vai crescendo e enfrentando suas dificuldades. O livro mostra que a criatividade “subverte os limites” e que sempre há espaço para todos.

FIGURA 3 - “CINDERELA SEM PÉ”

Disponível em: <<https://www.cantinhodoscadeirantes.com.br>> Acesso em jan. 2019

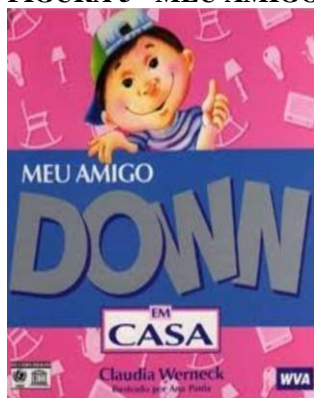
Este livro faz parte de série de releituras de clássicos "Era uma vez um Conto de Fadas Inclusivo", as quais foram escritas por Cristiano Refosco. Nessa história, Cinderela nasce com uma deficiência física e não possui um dos pés, o que faz com que ela use uma prótese de madeira. Cinderela conta com a ajuda de sua Fada Madrinha para ir ao baile no castelo do Príncipe.

FIGURA 4 - A BRUXA MAIS VELHA DO MUNDO

Disponível em <<https://www.saraiva.com.br/a-bruxa-mais-velha-do-mundo-braile-189415.html>> Acesso em agosto de 2019

Elizete Lisboa conta a história de uma bruxa bastante velha, talvez a mais velha do mundo! Ela decide que quer se casar, e em busca de um “bruxo encantado”, resolve colocar um anúncio em sua porta, aguardando por um bruxo tão velho quanto ela. O livro permite uma grata experiência sensorial, pois tanto a história quanto as ilustrações têm transcrição para o braile.

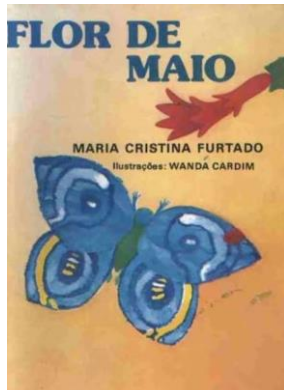
FIGURA 5 - MEU AMIGO DOWN



Disponível em: <<http://cinebookescola.blogspot.com/2015/06/livro-meu-amigo-down.html>> Acesso em agosto de 2019

Pioneira na temática de inclusão nos livros infantis, Cláudia Werneck lançou uma série de livros a partir de 1994. “Meu amigo Down” conta com uma coleção de três histórias: “Meu amigo Down - “na escola”, “na rua” e “em casa. Um garotinho curioso e sua turma se deparam com um novo vizinho, o qual nunca aparece nas reuniões da comunidade. Um dia, decidem investigar e, a partir daí, conhecem um amiguinho especial. Passam, então, a questionar as barreiras que seu amigo com síndrome de down enfrenta.

FIGURA 6 - FLOR DE MAIO



Disponível em: < <https://www.livrariacultura.com.br/p/livros/infantil/literatura/flor-de-maio-9025596>> Acesso em agosto de 2019

Maria Cristina Furtado conta a história de uma borboleta que, devido à falta de um pedacinho da asa, não pode voar. Através da amizade improvável de uma formiga e uma cigarra musicista, parte em busca da resolução de suas dificuldades. Aprendem, juntos, a enfrentar o mundo com amizade, alegria e esperança.

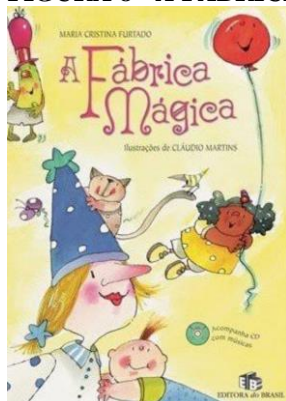
FIGURA 7 - E NÃO É QUE EU OUVI?



Disponível em: < <https://desculpenaoouvi.com.br/paracrianças/> > Acesso em agosto de 2019

Através da história de Lalá, Lak Lobato, em parceria com Eduardo Suarez, desenvolve uma história para crianças (e adultos!) que possuem ou convivem com pessoas que usam implante coclear. É um livro muito poético e informativo, no qual Lalá procura por aquele que é o som mais lindo do mundo: o som do pôr do sol.

FIGURA 8 - A FÁBRICA MÁGICA



Disponível em: <<https://www.travessa.com.br/a-fabrica-magica/artigo/b5e0496b-8947-4342-8c40-d8ad13d67322>> Acesso em agosto de 2019

Uma fábrica encandata produz brinquedos que, quando acionados magicamente, interagem com seus donos. Um dia, um incidente acontece e os brinquedos começam a ser produzidos com deficiências. No entanto, isso não tira deles a magia e a capacidade de brincar e fazer as crianças felizes. O livro tem sua experiência sensorial ampliada através de um CD que o acompanha, no qual há músicas que ajudam a contar a história.

FIGURA 9 - ME DÁ UM ABRAÇO

Disponível em: < <https://www.saraiva.com.br/me-da-um-abraco-9217013.html> > Acesso em agosto de 2019

A história de superação de Nick Vujicic, nascido sem os membros superiores e inferiores, é contada nesse livro motivacional. Nick conta como sua fé em Deus fez com que, ao invés de passar sua vida reclamando, Sua força o fizesse viver uma vida cheia de amor, mesmo quando tudo parecia impossível.

FIGURA 10 - MEU IRMÃO NÃO ANDA, MAS PODE VOAR

Disponível em <<https://www.travessa.com.br/meu-irmao-nao-anda-mas-pode-voar/artigo/2e70085b-ed2a-4a4f-b66d-0906ac6a38c4>> Acesso em agosto de 2019

Angel Barcelos escreve sobre uma menina que quer muito um irmão. Ao fazer sete anos, ela recebe a grata surpresa que tanto esperava, e se surpreende ao ver que seu novo irmão, além de não ser um bebê, é uma criança cadeirante.

Uma breve análise dessas obras aponta para pelo menos três categorias de representações observadas, a saber: 1) representações integradoras e inclusivas; 2) representações de superação apesar das deficiências e 3) acessibilidade, independentemente de o conteúdo do texto ser referente a deficiências ou não.

Na primeira categoria (integradores e inclusivos) estão aqueles que apontam para uma visão positiva das deficiências. Incluem-se nela “Julia e seus amigos”, porque ressalta a importância da educação integradora; “Cinderela sem pé”, o qual apresenta uma princesa com uma deficiência física; “Meu amigo Down”, o qual problematiza as dificuldades de uma criança com síndrome de Down, e “Meu irmão não anda, mas pode voar”, que trabalha com diversas questões pertinentes à inclusão. Esse protagonismo é de suma importância para que as crianças com deficiência sintam-se pertencentes à sociedade em que vivem, pois é a partir da representatividade - mas não apenas dela - que as PcDs se perceberão integrados à comunidade. No caso de “Meu irmão não anda, mas pode voar”, há ainda a representação do ato de adotar, e mais ainda: adotar uma criança com mais de 7 anos. A visão que a pequena irmã tem de seu mais novo irmão é de alguém sem impedimentos, o que auxilia no enfrentamento do olhar discriminatório ainda vigente.

A segunda categoria é a “Superação apesar das deficiências”. Os livros desse agrupamento são: “A centopeia pernetá”, “Flor de maio” e “Me dá um abraço”, três histórias que passam a ideia de que é preciso esforço por parte da pessoa com deficiência para provar seu valor e suas capacidades aos outros. Essa ideia de superação pode ser um discurso perigoso, já que retira a culpa do Estado e da sociedade e atribui à pessoa com deficiência a responsabilidade de superar obstáculos que sequer deveriam existir, os quais são impostos pela falta de políticas públicas adequadas e efetivas e pela falta de (in)formação.

A terceira categoria é “Acessibilidade”, que, como o próprio nome sugere, atua de forma a tornar a literatura infantil disponível e inteligível a todas as crianças. Para que isso ocorra, é preciso que haja uma diversidade de produções que se adaptem às necessidades de cada criança com deficiência. Um exemplo é o livro “A bruxa mais velha do mundo”, livro este que apresenta uma história sem qualquer relação com a temática da deficiência, mas seu texto e suas ilustrações são disponibilizadas transcritas para o braile.

2.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de extremamente sintético, este estudo trouxe à luz algumas questões que precisam ser continuamente refletidas. Por mais “neutro” que pareça um livro de

literatura infantil, ele poderá ser inserido em alguma categoria, seja dentro das citadas neste ensaio, seja em outras. É preciso saber identificar livros com mensagem positiva acerca das deficiências e os que não vão educar para as diferenças, mas que irão reforçar estereótipos construídos no imaginário popular ao longo dos anos e que afetam a maneira como as crianças com deficiência são vistas e tratadas.

Como educadores, faz-se necessário um conhecimento prévio dos livros que serão utilizados em sala de aula. Além disso, saber a história do livro de literatura infantil pode estimular pais e mestres a valorizarem ainda mais esse excelente instrumento formativo.

3 PERSPECTIVAS FUTURAS

Minhas áreas de interesse foram diversas no período em que estudei na Universidade de Brasília. Tive uma formação muito rica e fui, de fato, “aluna da UnB”, não apenas “aluna da Faculdade de Educação”. Foi essa vivência que me possibilitou desenvolver variadas perspectivas, tanto na vida quanto na área de educação. Agora, é momento de colocar aprendizados em prática através da docência, com foco na Secretaria de Educação do Distrito Federal. Gostaria, entretanto, de experimentar outros campos da área pedagógica, tais como andragogia, psicopedagogia, orientação pedagógica, pedagogia voltada para empresas - elaborando projetos e cursos - e assim por diante. Todas essas áreas dependem de uma pós graduação, o que me leva a escolher mais rapidamente uma área.

A médio ou a longo prazo, gostaria de retornar à minha eterna casa, a UnB, para dar prosseguimento a alguma das pesquisas pelas quais demonstrei interesse durante a graduação, como, por exemplo, em relação à educação das crianças e mulheres ciganas, um estudo que também me encanta e seria de grande valor para mim. Contudo, independentemente do que me espera do lado de fora da universidade, sou convicta de que a formação que me foi proporcionada através dos respeitados e benquistos professores da Faculdade de Educação construíram uma base sólida sobre a qual edificarei meus projetos.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1993.

ARROYO, Leonardo. (1990). Literatura Infantil Brasileira. São Paulo: Melhoramentos.

BARCELOS, Angel. Meu irmão não anda, mas pode voar! Disponível em <<https://www.travessa.com.br/meu-irmao-nao-anda-mas-pode-voar/artigo/2e70085b-ed2a-4a4f-b66d-0906ac6a38c4>> Acesso em agosto de 2019.

COELHO, Bruno M. A centopeia perneta ou “A incrível história da cinquentopeia”. Disponível em <<https://www.sinopsyseditora.com.br/livros/a-centopeia-perneta-ou-a-incrivel-historia-da-cinquentopeia-366>> Acesso em agosto de 2019.

COELHO, Novaes Nelly. Literatura infantil: teoria, análise didática. Primeira edição. São Paulo: Moderna, 2000.

CRESPO, Lia. Júlia e seus amigos. Disponível em <<http://www.devoradoresdelivros.com.br/livros/ver/1259>>. Acesso em agosto de 2019.

D`ANTINO, Maria Eloísa Famá. Deficiência e a mensagem reveladora da instituição especializada: dimensão imagética e textual. São Paulo: USP, Tese de doutorado, 2001.

DENIPOTI, Cláudio. Apontamentos sobre a história da leitura. Originalmente publicado em: História e Ensino, v. 2, p. 81-91, 1996.

DINIZ, Débora. O que é deficiência. São Paulo: Brasiliense, 2007. 96 p. (Coleção Primeiros Passos).

DINIZ, Debora; BARBOSA, Livia; SANTOS, Wederson Rufino dos. Deficiência, direitos humanos e justiça. 2009, vol. 6,n.11, p.64-77.

DWORKER, Ann. Educação & Realidade. Porto Alegre: v. 38, n. 4, p. 1053-1068, out./dez. 2013. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade> A Representação da Deficiência em Livros Infantis: séculos XIX e XX Ann Dowker. University of Oxford, Oxford – Inglaterra.

FIGUEIRA, Emílio. As pessoas com deficiências no contexto da literatura infanto-juvenil e didática. Mimesis, Bauru, v. 21, n. 1, p. 39-52, 2000.

FURTADO, Maria C. A fábrica mágica. Disponível em <https://www.travessa.com.br/a-fabrica-magica/artigo/b5e0496b-8947-4342-8c40-d8ad13d67322> Acesso em agosto de 2019.

FURTADO, Maria C. Flor de Maio. Disponível em: <<https://www.livrariacultura.com.br/p/livros/infantil/literatura/flor-de-maio-9025596>> Acesso em agosto de 2019.

GIOLLO, Aparecida Tamires. Literatura Infantil e Infância: um panorama histórico da produção literária voltado para crianças. 2002.

LISBOA, Elizete. A bruxa mais velha do mundo. Disponível em <<https://www.saraiva.com.br/a-bruxa-mais-velha-do-mundo-braile-189415.html>>. Acesso em agosto de 2019.

LOBATO, Lak. E não é que eu ouvi? Disponível em <<https://desculpenaoouvi.com.br/paracrianças/>> Acesso em agosto de 2019.

MOBRICE, I.A.S. Encantamentos e delicias: a criança em contato com a literatura infantil. São Paulo: Brasiliense, 1990.

PRIMEIRAS MANIFESTAÇÕES LITERÁRIAS. In: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo12160/primeiras-manifestacoes-literarias>>. Acesso em: 26 de Jan. 2019. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

TUFANO, Douglas. 1948- T828e Estudos de literatura brasileira. 3.ed. revisada e ampliada. São Paulo: Ed. Moderna, 1983.

RESUMO EXECUTIVO DA UNICEF: Situação mundial da criança de 2013: criança com deficiência. UNICEF - Brasil. 2013.

VUJICIC, Nick. Me dá um abraço? Disponível em: < <https://www.saraiva.com.br/me-da-um-abraco-9217013.html>> Acesso em agosto de 2019.

WENECK, Claudia. Meu amigo Down. Disponível em <<http://cinebookescola.blogspot.com/2015/06/livro-meu-amigo-down.html>> Acesso em agosto de 2019.

WERNECK, C. Ninguém será mais bonzinho na sociedade inclusiva. Rio de Janeiro: WVA, 1997.